

VIDA DAS ARTES

COISAS QUE INCOMODAM

José Roberto Teixeira Leite

DUAS notícias, nos últimos dias, tiveram o poder de nos colocar de mau humor. A primeira diz respeito a nosso pintor número um — Cândido Portinari. Enquanto em Paris suas obras merecem os elogios unânimes da crítica e recebem torrentes de visitantes, em Nova York — afirmam os despachos telegráficos — ainda não foram sequer desenhacotados os grandes painéis, simbolizando "A Guerra" e "A Paz", presente do Governo e do Povo brasileiros à Organização das Nações Unidas. Deteriora-se, assim, ingloriamente, num porão de armazém, a colossal obra artística que exigiu, de nosso patriota, tanto esforço e trabalho, e de parte do governo nacional, alguns milhões de cruzeiros.

A outra notícia diz respeito ao passado — já longo de mais, de três anos — que o Museu de Arte de São Paulo vem realizando através da Europa e dos Estados Unidos. Somos um país quase desprovido de telas famosas — telas sem as quais, todos sabem, não se pode acumular uma sólida cultura estética.

Como estudar: através de reproduções?

Impossível. Mistér se faz o próprio original. Foi bem: São Paulo possui algumas obras originais de grandes mestres de todos os tempos. Mas não estão em São Paulo, não estão, sequer, no Brasil: são apresentadas, quicotesicamente, ao "High Society" novaiorquino, para satisfazer, unicamente, a vaidade pessoal do senhor Assis Chateaubriand. Depois, irão partir em giro por outras cidades americanas, seguindo, afinal, para Cuba, Dominica, não sabemos. E isso, pouco após terem os principais museus do mundo cancelado todas as mudanças de obras antigas de um para outro lugar, de vez que tais deslocamentos causam estragos irremediáveis de velhas pinturas executadas sobre madeira. O Brasil é tão "bonzinho", porém, e o orgulho do senador tão desmedido, que tomamos a liberdade de sugerir que o Museu de São Paulo, antes de voltar a seu ninho, ainda se detenha alguns meses pela nova república africana de Ghana, seguindo para o Congo Belga, seguindo em Aden, focando a costa indiana, a Austrália e, assim, por diante, até que suas obras se convertam em um montão de tábuas carcomidas pelo tempo, monumento estéril à vaidade de um velho pagé...

DE BRUXELAS

O PRÊMIO DA JOVEM PINTURA BELGA

Acaba de ser concedido, pela sétima vez, o prêmio da Jovem Pintura Belga, por um júri composto de críticos de arte, artistas e colecionadores. Destinam-se este prêmio — no valor de vinte e cinco mil francos belgas — a um pintor belga, de menos de quarenta anos, e entre os artistas já hoje famosos que o mereceram, no passado, figuram Aelchinsky, van den Bulcke e Roger Dudant.

Nada menos de 160 pintores concorreram esse ano ao prêmio, que teve por vencedor o flamengo Serge Vanderoan, de 35 anos, nascido em Copenhagen, mas de origem bruxelense. Vanderoan é um abstrato, que chegou à Pintura através da Fotografia. Expôs ano passado em Berlim, na Galeria Bremer, e em Paris, com o Grupo «Phase». As cinco telas que lhe valeram o prêmio revelam um tempe-

ramento feroz, explosivo, que não se perde em sutilezas, mas que se expressa com uma autoridade impetuosa. Possui algo de Verhaeren — a Verhaeren das «Forças Tumultuosas» — e do expressionismo flamengo transposto para a idade atômica. Os próprios títulos que escolheu para as suas obras já traduzem um pouco esse temperamento: «O Grito», «A sangue e Fogo», «Verão e Fumacões», etc.

Colorista mais violento que sensível, Vanderoan é uma força confusa. Porém, difícil é conceber-se que essa força possa disciplinar-se, sem se debilitar. Ano passado já obtivera menção honrosa no mesmo concurso.

Esse ano, além do prêmio, o júri concedeu duas menções honrosas, cada uma no valor de oito mil francos belgas. A primeira coube, por unanimidade, a Camiel van Breedan,

de Antuérpia, artista de apenas 21 anos de idade, que trabalha sobretudo o chumbo e o cobre, o que faz suas arte aproximarem-se mais da «força artística» que da pintura; a segunda foi dada a Dan van Severen, também de Antuérpia, abstrato rigoroso e severo.

Quase todas as obras apresentadas ao concurso eram abstratas — somente dois figurativos nele tomaram parte, aliás sem destaque. A jovem pintura belga, pelo que se vê, orienta-se firme e decididamente para a arte abstrata (F. F.).



Serge Vanderoan — «Verão e Fumo».

DE PARIS

Bernard Buffet é Filmado

Etienne Perier, jovem cinegrafista francês auxiliado por Dominique Fabre (comentários) e por Yves Caloué (música), acaba de efetuar um pequenino documentário sobre a maneira de pintar de Bernard Buffet, o pintor figurativo que ameaça eclipsar o prestígio do quase otogenário Picasso. Buffet aparece trabalhando, na tela, uma cabeça de vitela, cujas cores dominantes são o verde e o amarelo. Durante a filmagem, o crânio ainda provido de carnes precioso de várias maquiagens, para que pudesse chegar até ao fim a

DE NOVA YORK

VENCEDORES DO PRÊMIO GUGGENHEIM EXPÕEM

Desde 27 de março, e até 19 de maio futuro, na sede provisória da Fundação Guggenheim, em Nova York, será apresentada a Exposição dos Vencedores do Prêmio Guggenheim relativo ao ano de 1956. A importância da mostra não precisa ser realçada. O grupo de pinturas, primeiro apresentado no Museu de Arte Moderna de Paris, compreende obras de 32 artistas de 23 países. Ben Nicholson, ganhador internacional do prêmio de dez mil dólares instituído pela Fundação, está representado pela tela que lhe valeu o laurel — o «Val d'Orcia, August 1956». A 19 de maio, logo que a presente exibição estiver encerrada, será apresentada no Museu Guggenheim uma grande retrospectiva do artista holandês Piet Mondrian, considerada um dos maiores pintores da atualidade (Press Release, Solomon R. Guggenheim Foundation).

película. Buffet repete assim, até certo ponto, a fachada do grande Chaim Soutine, que passou alguns dias trancado em seu quarto com uma car-

caca de boi, em adiantado estado de putrefação, até conseguir transfirá-la em seu quadro, a despeito dos protestos dos vizinhos...

Três Exposições

TRES exposições dividem, atualmente, as atenções do apreciador carioca das Artes Visuais: primeiro, a de tapeçarias de Genaro de Carvalho, no Museu de Arte Moderna, ontem inaugurada (rua da Imprensa, 16-A); a segunda, a do desenhista Lothar Charoux — que tomou parte nas duas mostras concretas, de São Paulo e do Rio de Janeiro — «Petite Galerie» (avenida Atlântica, ao lado do cine Rian); a última, a de seis alunos da Escola Nacional de Belas Artes, no Salão de Mostras do Diretório Acadêmico (rua Araújo Porto Alegre).

Há outra exposição, especialmente destinada aos que acaso apreciem a arte acadêmica: a do velho pintor Helios Seefinger, até 15 do corrente, no Museu de Belas Artes.

Pinturas de Sonja de Clercq

Hoje, às 17 horas, no 10º andar da av. Pres. Wilson, 166, inaugura-se a mostra de pintura da artista Sonja de Clercq, subordinada, ao título: «Aspectos Brasileiros». Patrocina a mostra o presidente do IBGE.